

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	6950	5120
Possessões ultramarinas (idem)....	46000	23000	8—	—
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	8—	—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 762

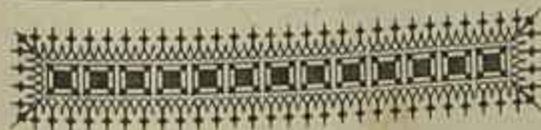
28 DE FEVEREIRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA JOVA DO LOUREIRO, 25 A 23

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.



## CHRONICA OCCIDENTAL

Quarta-feira de cinzas.

Dia pardo, frio, nevoento. Ruas tristes, enlameadas. Muita dôr de cabeça, muita gripe. Nos olhos de muitos certo peso, na consciencia certo remorso. Meninas cheias de saudades, paes de familia respirando emfim.

Acabou-se o entrudo. O velho semsaborão não deixou para a historia coisa que valha. O tempo correu pessimo. Até os mais atrevidos só na terça-feira á tarde puderam, pelo Chiado, Rocio e Avenida, fazer alarde da grande semsaboria indigena. Nem uma só nota alegre n'essas ruas! Miseria e estupidez á ufa.

Os bailes nos theatros concorridissimos! mas ditos de espirito, se algum houve, e foi milagre não ficou archivado.

O velhinho entrou no estertor; apenas o anima uma gota de vinho ás vezes; mas então sae-se imundo.

E foi na grande algazarra, ás tres horas da tarde, no Chiado, quando as tremoçadas ferviam, os ché-chés davam coices, e berravam gaitas e businas, que a noticia começou correndo: — grande e definitiva victoria dos inglezes!

E os mais interessados tomavam pelas ruas mais solitarias da Parreirinha e de S. Francisco o caminho da rua dos Capellistas, para saberem a cotação dos fundos, já de pé atraz contra noticias de victorias, querendo a nova da entrega do general Kronje e toda a sua gente confirmada com uma alta eloquente dos papeis inglezes.

Quarta-feira de cinzas. Nem um jornal pela manhã com pormenores. Tudo abre mais tarde. É difficil obterem-se noticias officiaes.

Mas a nova tinha azas, e os fios do telegrapho e do telephone, que o vento sul fazia vibrar, parece que a cantavam por toda a parte.

Nada mais certo. O heroico general Kronje, com tres a quatro mil boers encerrados n'um espaço de uma milha quadrada, rendera-se finalmente a quarenta mil inglezes, que dispunham de muitas dezenas de canhões.

O general Kronje, que assim cobriu de gloria o seu nome, era dos mais afamados do exercito boer, popularissimo nas republicas do sul d'África pelo seu odio ao inglez. Seus proprios inimigos lhe fizeram por vezes o panegyrico.

Kronje deve ter partido para o Cabo terça-feira á noite, acompanhado pelo general Pretymán.

Em Londres a noticia da victoria das armas inglezas espalhou-se com extraordinaria rapidez. O regosijo foi immenso e muitas casas embandeiraram.

Os jornaes, pela maior parte, mostram-se optimistas e julgam que a victoria alcançada por lord Roberts será a primeira da nova phase em que vae entrar a campanha do Transvaal. Assim já contam com uma série de successos felizes que breve porão termo glorioso á historia d'esta guerra. Não os acompanham no côro esperançoso o Times nem o Standard, que lembram a necessidade de muito maiores sacrificios.

Nos paizes europeus a noticia dos ultimos acontecimentos produziu grande e variada impressão. Emquanto o imperador Guilherme e o rei Humberto enviavam á rainha Victoria telegrammas de felicitações, a imprensa russa, a italiana e a hes-

panhola não occultam o effeito doloroso que produziu na população as noticias dos desastres das armas transvalianas.

A imprensa franceza julga dever-se aproveitar esta occasião para intervenção das potencias a fim de pôr termo á guerra. O Gaulois espera que o imperador Guilherme tomará essa iniciativa.

Nem tudo na Europa são demonstrações de regosijo; nem sequer na propria Inglaterra.

A leitura do despacho de lord Roberts feita pelo marquez de Lansdowne na camara dos lords e

pelo sr. Wyndham na camara dos deputados foi acolhida com entusiasticos applausos, não tão unanimes, porém, que um deputado irlandez não exclamasse, entre risadas d'outros: — Que gloriosa victoria! Quarenta mil inglezes aprisionaram quatro mil boers!

A guerra continuará provavelmente por muito tempo ainda. Foram presos trez mil e tantos boers, mas tomadas apenas seis peças e nenhuma de grande calibre. Os esforços empregados pelos inglezes foram enormes e carissima lhes sahiu esta

## REAL THEATRO DE S. CARLOS



GEMMA BELLINCIONI

primeira victoria definitiva, que, entretanto, não terá, segundo parece, influencia decisiva na campanha.

D'outros pontos do campo de batalha chegam noticias favoraveis aos boers.

Ainda não está aberto o caminho do exercito inglez para Ladysmith.

E todas estas noticias corriam pela Europa e andavam de bocca em bocca durante os festejos d'esse carnaval enlameado, a cuja estupidez pôe remate o *Memento*, homo de quarta feira de cinzas, remate que a tudo quadra no mundo, quer ponham as cinzas na cabecinha vaidosa de mulher, ainda a sonhar com as ultimas valsas, quer na calva, queimada pelo sol e franzida, d'um grande vencedor.

*Pulvis es.*

Quarta feira de cinzas! O dia está de acordo com o nome. Dia cinzento e triste.

A vassoura municipal já vai levando das ruas o lixo azedado e com essa lama feita de pos, de tremoços, de pastilhas pisadas, de florinhas podres, de bisnagas amachucadas, vão para a carroça do esquecimento uns sonhos, uns ditos amáveis, uns madrigaes vulgares, uns principios de romance a que uma reticencia poz termo.

Por toda a parte foi o carnaval triste e semsaborão como em Lisboa. Apenas n'uma ou outra sociedade particular houve animação e n'um ou outro theatro.

Alguns bailes houve dignos de nota pela concorrência escolhida e pela alegria que n'elles reinou. Abriam suas salas nos dias de entrudo os srs. Polycarpo Anjos, Condes de Tarouca, Condessa de Almedina, Condessa de Rio Maior e General Campos, cujos bailes são, ha muito falados em Lisboa como dos mais distinctos e animados sempre.

No theatro de S. Carlos representou-se a zarzuela do maestro Caballero *El Duo de l'Africana*, cantando Bellincioni a parte de tenor, com graça inexcusable. Todos os outros artistas muito bem. Bem os côros e a orchestra.

No theatro D. Amelia a *Lagartixa* continuou sua carreira extraordinaria. Na terça feira não ficou um bilhete por vender.

Os outros theatros tambem tiveram boas casas. No theatro da Avenida a *viagem de Suzette*, de que ainda não fallamos n'esta chronica, portou-se como quem e. E' um trabalho ainda de Gervasio Lobato. Traduziu o verso Eça Leal Pêpa, que representa o principal papel, com a boa alegria que e seu dote, poz a peça em scena com desusado luxo.

E foi-se o entrudo e, porque a poucos deixou saudades, não falaremos mais d'elle.

Assim desapareçam brevemente as nuvens que, ha tantos dias, veem descarregando suas torrentes d'agua sobre os campos, que a vomitam e já não podem beber mais.

Annunciou-se a chegada das primeiras andorinhas, nuncias de primavera, como, ha muito, lhes chamam os poetas, sem que ellas talvez tenham dado por isso. Bom signal é, que lá de tempo entendem ellas muito mais que o fallecido saragocano. Já nos mais altos e tenues raminhos das arvores apparecem as primeiras folhinhas verdes. Anda ás vezes uma alegria no ar, como um sorriso a medo. A primavera não tarda.

Passa o tempo tão rapido, que dentro em pouco aqui estaremos outra vez na Lisboa solitaria, tendo que ir buscar longe as historias para encher estas linhas da chronica, por essas thermas e praias, falando de novo das Caldas, do Estoril, de Cascaes, da Figueira, de todas essas terras em que florescia a roleta e ha de continuar florescendo, apesar do discurso do sr. Hintze Ribeiro na camara dos pares e da resposta do sr. José Luciano.

Muita gente já se vai apromptando para sahir da capital, sendo este anno mais cedo a partida e maior o numero dos que viajam, porque a exposiçao de Paris concorre uma grande parte da mais feliz população de Lisboa.

Os jornaes illustrados da grande capital franceza já nos veem dando amostras do que será essa exposiçao gigante destinada a deixar na sombra as suas antecessoras. O espaço occupado é de muitos hectares. A electricidade será d'esta vez quem domina. Deverá ser a realisacão das mais fantasticas maravilhas.

Viagens baratissimas, ao alcance de muitas bolsas, são tentação de economicos que, desde ha muito, começaram fazendo seu pé de meia. Tanto peor para os que ficarem, porque o verão se lhes annuncia semsaborissimo.

Durante as tardes enormes não se avistará uma só carruagem na Avenida immensa. Os pardaes cantarão sósinhos por entre os ramos das acacias e dos ulmeiros. Todos os theatros a noite estarão

fechados. E o homem dos capilés esperará de balde um freguez.

Onde está tu, Lisboa?

E só ficarão os pobresinhos, conversando, entre bocejos, da guerra do Transvaal, que talvez ainda dure, lembrando que se pôde dizer ao orgulho da Inglaterra o que em quarta feira de cinzas se diz ao homem: *Memento, quia pulvis es et in pulverem reverteris.*

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

GEMMA BELLINCIONI

Estreou-se em Napoles no theatro Fiorentini na opera *Regina e Contadina*, do maestro Sarra, alcançando um grande successo, o que lhe proporcionou diversas escripturas nos principaes theatros da Europa e America, conquistando d'ahi a pouco a justa fama de celebridade que hoje tem. O seu repertorio é vastissimo; entre outras operas contam-se as seguintes: *Gioconda*, *Carmen*, *Fausto*, *Barbeiro*, *Favorita*, *Mignon*, *Linda de Chamounix*, *Traviata*, *Palhaços*, *Covallaria Rusticana*, *Sapho* e *Fedora*, as trez ultimas foram creadas por ella, obtendo em todas novos triumphos.

Não é a primeira vez que a illustre artista canta no theatro de S. Carlos. Na epoca de 1883 a 84 fez parte da companhia, como soprano ligeiro, cantando o *Roberto* (Isabel), *Huguenottes* (Rainha), etc., etc., sendo muito bem acolhida pelo nosso publico, que n'ella antevia uma estrella de primeira grandeza. A previsão confirmou-se com a *Sapho* de Massenet, onde revelou o seu temperamento de artista *raffinée*. Se os recursos vocaes de que dispõe não são extraordinarios, o seu trabalho de actriz é completo, não desprezando os minimos detalhes, accentuando todas as situações do drama, como melhor o não faria qualquer das melhores actrices contemporaneas; a sua mobilidade physionomica presta-se de uma maneira unica a traduzir as diferentes *nuances* em que abunda aquella complexa personagem.

Bellincioni dá perfeitamente o typo de Fanny Legrand que Daudet idealizou. Foi elle quem creou esta opera no theatro lyrico de Milão.

O seu ultimo triumpho entre nós foi a *Fedora*, de Umberto Giordani. o auctor do *André Chénier*, essa opera foi ouvida agora pela primeira vez em Lisboa.

A sr.<sup>a</sup> Bellincioni houve-se brilhantemente como era de esperar. Foi tambem a sua primeira interprete em 1898 no mesmo Theatro Lyrico de Milão, ao lado do tenor Caruso e do barytono Monti; o nosso publico não lhe regateou applausos, victoriando-a com enthusiasmo, principalmente na scena do juramento do primeiro acto, na *pregheira Dio di giustizia che col santo ciglio*, aquelle inspirado trecho do grande duetto do 2.<sup>o</sup> acto com Loris (De Lucia), em que ella lhe consegue arrancar o segredo da morte do seu noivo Vladimir, na scena final do terceiro acto, em que Fedora se envenena.

Difficilmente se encontrará outra interprete para esta opera como a distincta cantora, tudo n'ella arrebatada e provoca aquelle enthusiasmo que só podem comunicar os eleitos da arte.

Em breve cantará a *Traviata* e a *Cavallaria Rusticana!*

Consta que abandonará o genero lyrico e que se dedicará exclusivamente á declamação ao lado do eminente actor Zaconi, onde com certeza a esperam novos louros na nova carreira que vae encetar.

### O MAESTRO GIACOMO PUCCINI

Giacomo Puccini é o talentoso maestro auctor da formosa partitura da conhecida opera *Bohème*, que tanto apreço alcançou em todos os centros lyricos do mundo, onde se tem cantado. O lindissimo romance de Mürger *Vida Bohemia* foi deliciosamente posto em suavissima musica, de veras inspirada.

Embora já outro compositor notavel haja posto em musica o encantador romance, é a *Bohème* de Puccini que pertence a palma. Leoncavallo, o auctor dos *Palhaços*, não foi tão feliz como o seu rival, e a prova a que se sujeitou tornou-se mais uma questão de rivalidades entre os dois conhe-

cidos editores de Milão, Ricordi e Eduardo Sonzogno, do que uma composição espontanea.

Leoncavallo não logrou em Lisboa, com a sua *Bohème*, o applauso que Puccini alcançou e cada vez mais se afirma com a sua formosa partitura. Ainda na corrente epoca lyrica, o nosso Real Theatro de S. Carlos abriu, na noite de 20 de dezembro de 1899, com a *Bohème* de Puccini. Além do celebre tenor Bonci, tomaram parte na opera os artistas Ferrani, Martelli, de Lucca, Perello, Cervi, e Rossi.

Com a sua ultima opera *A Tosca* estreada ha pouco no theatro Constanti de Roma o maestro Puccini acaba de alcançar novos louros.

A *Tosca*, como a nova opera *Fedora* de Umberto Giordano, cantada pela primeira vez em S. Carlos no dia 13 do mez corrente, tem o seu libretto extrahido do celebre drama do mesmo nome Victorien Sardou, cujo theatro como se vê está sendo explorado para a scena lyrica.

Puccini é natural de Lucca, onde viu a luz do dia em 1858, e ahí mesmo começou os seus estudos, continuando-os no conservatorio de Milão, sob a direcção de Ponchielli, o celebre auctor da *Gioconda*. Puccini tomou parte no concurso melodramatico aberto pela revista milaneza *Il Teatro Illustrato* apresentando a opera *Villi*, que então estava por concluir. Representou se esta opera em Milão em 1884, com ampliações que o auctor lhe fez, obtendo exito lisonjeiro não só em Milão como n'outros theatros de Italia, onde se cantou. Em 1889 deu no theatro *Scala* a opera *Edgard*, trabalho de pulso e que todavia não obteve o suffragio do publico.

Posteriormente escreveu Giacomo Puccini a *Manon Lescaut* e a *Bohème*, que o consagraram definitivamente no mundo lyrico como compositor notavel.

A sua ultima producção é agora a *Tosca*, cujo successo tem echoado ruidosamente.

Na noite da primeira representacão da *Tosca* em Roma, o theatro Constanti offerecia um aspecto imponente. Assistiram á representacão a familia e as grandes celebridades musicaes da Italia, França e Alemanha.

O mais completo exito foi logo prophetisado desde os primeiros accordes. Uma romanza de tenor, de melodia facil, quente e apaixonada, produziu profunda impressao, tendo o tenor Marchi de a repetir no meio de grandes applausos.

A appareição da *Tosca* e o duetto com Maria são duas peças magistraes, ricas de paixao e de um notavel poder lyrico. O 1.<sup>o</sup> acto acabou triumphalmente com um concertante admiravel, que mereceu as honras de repetição. O exito estava seguro. Nada menos de oito vezes teve Puccini de apparecer no palco com os principaes interpretes da opera.

No 2.<sup>o</sup> acto, o interrogatorio de Scarpia e Mario, sustido pelo canto interno da *Tosca* e do côro, foi apreciado como uma formosa composiçao do maestro. O monologo do barytono, o duetto com o soprano e a scena da tortura, sobretudo, commoveram profundamente o publico. A Darclee cantou de tal modo uma aria, que o enthusiasmo do publico chegou ao delirio.

No 3.<sup>o</sup> acto e ultimo da opera o talento dramatico de Puccini chegou á sua maior expressao. Todos os numeros d'este acto produziram no publico a tragica impressao da catastrophe.

O triumpho de Puccini foi completo, tendo sido sido solicitada a sua auctorisação para a opera ser apresentada em varios theatros da Alemanha, França e America, o que garante largo futuro á nova partitura e justa fama ao inspirado maestro.

### A GUERRA NA AFRICA DO SUL

Generaes Kronje e French  
Transporte de artilheria ingleza em Kolskop

A phase geral da guerra acaba de ser sensivelmente modificada.

A libertação de Kimberley, a invasão do Estado Livre d'Orange por uma divisao lançada em perseguição das forças do general Kronje e as probabilidades do general Joubert se ver impellido a levantar o cerco a Ladysmith são incontestavelmente successos para as armas inglezas e que assignalam a entrada em campanha do general lord Roberts de Kandahar pois que até ahí os boers haviam triumphado em todos os pontos pela sua extraordinaria mobilidade.

D'esta vez encontraram já competidor em mobilidade e audacia e n'isso se resume a principal importancia dos successos de lord Roberts, pois denotam uma tactica evidentemente boa.

A opinião publica ingleza tem agora ensejo de

desfazer certo pessimismo sobre a marcha das operações e seus resultados, mas por seu lado os amigos da causa boer não tem ainda occasião para desesperar.

Ainda que dizimada em Magersfontein, a brigada d'Highlanders é o melhor corpo d'infantaria de que o generalissimo inglez dispõe; é a flor do seu exercito.

O revez por elles soffrido em Magersfontein é do lado dos inglezes um dos feitos mais gloriosos d'esta campanha pois que é sublime em abnegação a resistencia d'esse punhado d'escosozes, que preferiam deixar-se matar a engrossar com a sua rendição o numero já avultado de prisioneiros em Pretoria.

Depois d'esse terrivel combate succedeu ao infeliz general Wanchope o arrojado Macdonald que acaba de ser ferido. Novamente são os Highlanders utilizados nas mais perigosas surpresas e como tal lhes foi confiada a espinhosa missão de attrahir as forças de Kronje para permitir a execução do raid do general French. Em Kootoosberg tiveram cincoenta baixas entre mortos e feridos e actualmente fazem parte do exercito que penetrou no Orange.

O general boer Kronje, que durante tanto tempo conteve em respeito lord Methuen e que soube evitar ser cercado pelas forças de Roberts, é depois do general Joubert o que de mais popularidade goza entre os chefes do exercito transvaaliano e foi quem em 1 de janeiro de 1890 desajudou em Krugersdorp os filibusteiros do dr. Jameson.

O general French, commandante da brigada de cavallaria na Africa do Sul que conduziu as operações que deram logar ao levantamento do cerco de Kimberley, já se havia assignalado no decorrer da campanha em Elandstaagte e por algumas escaramuças felizes proximo de Colesberg. Nasceu em 1852 e pertenceu muito tempo ao 19.º d'hussards, tomou parte na expedição ao Nilo 1884-85 ganhando a medalha da ordem de S. Miguel e S. Jorge.

Uma palavra se lê em muitas noticias da guerra Kop ou Kopy que designa um cume e que constitue ponto strategico de primeira ordem avalliado já convenientemente pelos boers, nas longas luctas sustentadas contra os indigenas. Durante alguns dias no começo de janeiro a brigada de French occupou um d'estes Kops particularmente inexpugnavel, era o de Kaleskop que apresenta a configuração d'um verdadeiro pão de assucar e que domina toda a planicie circundante, acima da qual se eleva na altura maxima de 450 metros com enorme inclinação e precipícios vertiginosos. Conseguiram no entanto os inglezes içar até ao cimo dois grandes canhões prendendo em cada um tres cabos puxados por trinta homens cada.

Mas as difficuldades não se resumiram na collocação dos canhões, tornava-se necessario aprovisionar de munições e viveres os artilheiros. Para isso estabeleceram um systema de vae-vem por meio d'um cabo, o que lhes permittiu elevar cargas de 40 libras e viveres em abundancia.

## RELIGIÃO E ENSINO RELIGIOSO

«La science seule ne suffit pas pour expliquer la vie de l'homme.»

LERMINIER.

O homem reconhece-se impotente para dominar o universo, e invoca no tribunal da sua consciencia o auxilio da Divindade.

Qualquer que tenha sido a origem das sociedades, manifesta-se atravez dos tempos na evolução lenta dos povos um sentimento innegavel de religiosidade.

E que o ser humano, convencido plenamente de que elle não é a causa de si mesmo e de que nem pode alterar sequer ligeiramente a minima circumstancia na ordem dos phenomenos da natureza, concebeu desde a sua primeira hora de reflexão a existencia da Força Creadora.

Por maior que seja o nosso orgulho não podemos furtar-nos a sentimento-nos dependentes. «A base da religião, sustentava Feuerbach, é o sentimento que nós temos da nossa dependencia».

Com effeito, seria forçar muitissimo a hypothese querer explicar, mudadas as condições essenciaes actualmente caracteristicas da especie humana, o phenomeno psychico da religião.

Se a humanidade não fosse o que é, nunca pretenderia transcender as proprias balizas que a circumscrevem na esphera terrena e jámais se levantariam olhares de interrogação para essas myriadas de corpos coruscantes povoando de belleza maravilhosa o espaço immenso.

Todas as formas multiplices como a creatura racional tem demonstrado submissão e respeito a entes superiores invisiveis, proclamam o facto de uma revelação anterior sem a qual, cahiriamos no absurdo de admitir a possibilidade de imaginar alguma coisa absolutamente fora dos dominios da realidade.

As creações mais portentosas do genio poderão mostrar personagens inverosimeis e scenas extraordinarias, mas sempre ao alcance de todas as intelligencias e encerrando um certo fundo de verdade pelo menos nos seus elementos ou nos seus pormenores. A terem existido o cavallo de Troia e o gigante Adamastor, semelhantes colossos phantasticos haviam de definir-se por traços e linhas, contendo-se indubitavelmente nos aspectos diversos do mundo real.

Não succede assim sob o ponto de vista da religião: para que o homem tenha deixado nas epochas primitivas tantos vestigios de culto e tantas provas de crença e porque certamente algum acontecimento occorreu que illuminou a sua mente em relação a existencia d'um Deus Todo Poderoso.

Sem Deus ficaria incompreensivel o facto da religião.

«Les religions, disse Vacherot, sont des phenomenes de l'esprit humain qui ont leur manifestation et leur épanouissement dans l'histoire: mais leur racine est ailleurs; e-ile est dans la conscience de l'homme».

O medo e o terror não bastam a servir de fundamento a actos externos de adoração profunda, observados constantemente na sequencia dos seculos.

Tiradas as causas cessam os effeitos respectivos e até se apaga da memoria a recordação do passado.

O quadro da religião patentêa no seio de todas as civilizações e no estado rudimentar dos povos incultos a victoria do espirito sobre a materia e o amor intrinseco das gerações ao seu Creador. É tão impossivel o atheismo puro como a quadratura do circulo.

«Se a religião ou uma forma qualquer da religião é verdadeira, escreveu Stuart Mill, resulta d'ahi que ella é util; não ha necessidade d'outra prova.»

Uma coisa que nos põe em contacto edificante com o Divino e constitue soberanamente a nossa realza legitima n'este globo terrestre, não só é thesouro de valor inestimavel nas tribulações da vida mas tambem excellencia utilissima refreando a lucta das paixões.

Podem philosophos desvairados pelo orgulho tentar illudir a razão alheia com pretextos fallaciosos e theorias insustentaveis na presenca dos monumentos historicos e dos documentos authenticos, a religião não é destruida por nenhum sophista nem desmerece na ethica dos altos conceitos.

O verdadeiro sabio é sempre um levita fervoroso da religião. Cada segredo que elle arranca á natureza, cada lei cosmica que elle consegue formular nos termos precisos, cada enigma que alcança decifrar, tudo isto mais e mais o convence da fraqueza das suas proprias forças e lhe eleva o pensamento para o Auctor Omnisciente.

«L'idée de Dieu, exclamava Arbanère na *Analyse da Historia Asiatica*, est comme la dernière reflexion de l'esprit. Plus l'homme sera éclairé, plus cette idée sera vaste et forte en lui, parce qu'elle couronnera de plus larges appuis; ainsi le culte du sage émane de l'admiration de la reconaissance».

Antes que a cultura intellectual viesse desembaraçar no espirito humano a noção de Deus de relações chimericas, já irradiara no mysterio do pensamento a idéa da Causa Suprêma.

«O homem, diz Alfredo Maury, sente-se e possui-se até certo ponto; elle encontra em si mesmo a causa e a explicação das suas acções e das suas obras; mas todo um mundo o cerca que não deriva de si, que lhe não obedece e que o domina quasi sempre».

É palpavel esta affirmacão categorica, e de qualquer modo que investiguemos os factos na successão dos periodos historicos, a logica da evidencia força-nos a reconhecer a origem da religião na noção primitiva de Deus, poder superior aos elementos e invencivel plenamente.

«Esta idéa simples, dizia o citado Arbanère, depara-se na cabana de folhas do selvagem, sob a tenda do nómade, na gruta do pescador».

Os povos remotos da antiguidade oriental como os habitantes contemporaneos das regiões ainda sepultadas na noite da ignorancia, todos tem sabido e sabem prestar homenagem religiosa aos Osiris, Isis e Horus ou aos «Bhoot» das suas theogonias.

«Mas tantas idéas religiosas passadas ou presentes, escreve o illustre John Lubbock são tão completamente oppostas ás nossas, que é impossivel discutir este assumpto sem relatar bastantes factos absolutamente contrarios aos nossos sentimentos».

É que a dispersão dos membros da familia humana e o grau de cultura de cada individuo levantaram barreiras insuperaveis entre as populações, afastadas umas das outras não só por distancias geographicas grandissimas como pela propria capacidade de raciocinio, pelas tendencias de indole e pelas diversas influencias do meio.

«Ce n'est pas chose facile, disse Letourneau na *Sociologia*, que de se figurer l'état mental de l'homme primitif».

Concordo com o distincto professor francez e quanto mais procuro dar á filiação da idéa religiosa um significado differente do que tem no sentido theologico da palavra, mais me vejo compelido a elevar a mente ás concepções do Infinito e á contemplação mystica da Belleza increada.

A religião não é, pois, uma ficção passageira da infancia no berço da nossa raça, habilmente aproveitada para fins particulares de ambiciosos, a sua razão de ser está tanto acima dos systemas politicos mais perfeitos e dos planos melhor estudados pelo homem em todos os ramos dos conhecimentos e em todos os campos da actividade quanto é superior ao espectáculo das nossas sociedades a velocidade temerosa da fiação electrica rasgando nuvens, o eterno rugir das vagas na sua ameaça perenne de tragar os continentes, o delirio de cores de que se tinge a atmosphaera do horizonte visual quando o sol já no termo da sua carreira diurna inclina a face para o outro hemisphero, o brilho e a harmonia das espheras nos seios da amplitão!

Se não estivesse convencido intimamente da excellencia dos principios religiosos na educação dos povos, se em mim proprio não verificasse os effeitos saluberrimos que d'elles derivam, nem sequer faria referencia a este problema de importancia social.

Ha um facto interessante e luminoso na historia psychica da humanidade: a crença. Desde os tempos mais remotos de que ha noticia offerecem-se á observação do estudioso monumentos de natureza diversa e simples tradições, que não podem explicar-se differentemente do que attribuindo uns e outras á religião.

Citam-se alguns casos de selvagens parecendo inteiramente estranhos a qualquer sentimento religioso; não creio todavia, na possibilidade intrinseca da sua realidade visto como é natural e espontanea no ser humano a manifestação da fé.

Pondo porém de parte a questão da universalidade ou não universalidade da religião, resta uma verdade indiscutivel na vida das gerações, é que o homem se aperfeicoou n'um crescendo progressivo proporcional á intensidade das suas crenças e ao grau de seriedade que as revestia.

Nos periodos anteriores á antiguidade classica depara-se o espectáculo mais repugnante da existencia das sociedades: o predomínio brutal da força no esterquilinio da materia!

(Continua)

D. Francisco de Noronha.

## FRANCISCO AUGUSTO METRASS

(Continuado do n.º 761)

III

EM ROMA

Roma! Quantos mundos se encontram nesse recinto, museu de tantas civilizações — ahí onde, segundo a phrase feliz d'um escriptor, se cruzam todas as estradas da historia! O mundo da terra e o mundo do ceu — a sciencia e a religião — o poder temporal e o espirital — Cesar e Christo! — Ali terminam, para nós, ali estão representadas pela historia, pela arte, e pela poesia, todas as civilizações antigas! E d'ali data o mundo moderno.

D'aquella terra mãe, d'aquella humus historico, feito de illustres ruinas, das maiores grandezas, das maximas virtudes e das mais horrendas perversidades, saem as lições da historia, as inspirações da arte, as meditações da philosophia. Percorrem-a os viajantes, estudam-a os sabios, descrevem-a os archeologos, copiam-a os artistas, e ella — a antiga — é para todos sempre nova, sempre viva, porque é immortal! No firmamento, na constellação das civilizações, brilha, esplende como um sol, que attrahe e deslumbra todos os

que a contemplam! Bem posto o nome de Cidade eterna! E se já não é a Roma dos romanos — é mais do que isso, é a Roma universal!

Quando era a dominadora, mandava as suas legiões espalhar o seu nome e proclamar a sua gloria na Europa, na Africa e na Asia: os arautos das suas leis eram os seus guerreiros, e a luz com que as illuminava ia na ponta das suas lanças e na folha das suas espadas! São outros agora, e desde muito, os seus triumphos; a sua grande luz não é vermelha, como outr'ora, não a agita a furiosa tormenta das batalhas — é clara e serena e fecunda — é a da religião e a da arte! O tempo — o grande purificador — tem cumprido a sua missão...

Hoje os legados que ali concorrem, os viajantes, embaixadores de todo o mundo, que ali representam todos os povos e todas as religiões, não buscam o Senado, para se queixarem das prepotencias e crueldades dos pretores e dos proconsules; não pedem a Hortencio, nem a Cicero, que os defendam contra os Verres: entram em S. Pedro a contemplar Miguel Angelo, e nas Loggias do Vaticano para admirar Raphael!

D'estes legados espirituaes, poetas, historiadores, romancistas, eruditos, artistas — que ali vão, em ininterrupta peregrinação, um dos dois maiores entre os modernos — o outro é Chateaubriand — foi o grande Goethe — genio de maior comprehensão e de mais larga envergadura, porque amou e comprehendeu tudo — a vida, a sciencia, a litteratura e a arte. Ao datar de Roma a sua primeira carta, o auctor do *Fausto* dizia aos seus amigos da Allemanha:

«Emfim posso abrir a bôca e saudar os meus amigos com o coração alegre. Que elles me perdoem a minha mysteriosa partida e a minha viagem quasi subterranea. Quasi que nem a mim mesmo dizia para onde eu ia. Foi só quando passei debaixo da *Porta del popolo*, que os meus receios cessaram: então é que tive a certeza de ter Roma».

Esta impressão da vida exterior, do espectáculo dos monumentos, e das ruinas grandiosas, não é a mesma decerto em todos os que as contemplam: não tem para todos a mesma eloquencia o *Forum* e a *Via Appia*. Para uns tudo é novo — os palacios

e templos modernos e as ruinas musgosas: para outros os arcos triumphaes, os theatros, as thermas, as estatuas, e as columnas mutiladas, revivem todo o passado extinto! Pizaram esse tablado, e nesse scenario deixaram para nós a sua sombra os protagonistas das grandes tragedias de Tito Livio, de Tacito, e de Suetonio! Algumas d'essas pedras conservarão porventura ainda os vestigios do sangue, que sobre ellas espadanou! Evocado pela nossa imaginação todo esse mundo togado — *senatus populusque romanus* — fala, gesticula, canta, clama e grita nas ruas, no *Forum*, no Monte

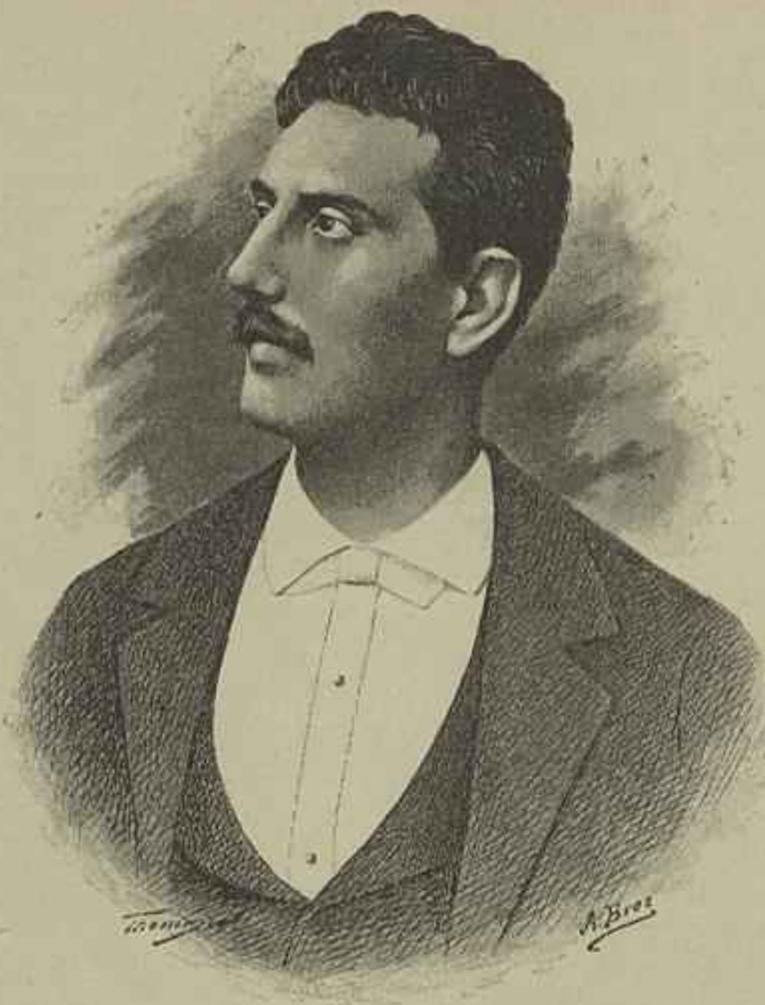
Aventino, no *Coliseu* e nos theatros, a caminho do *Capitolio*, nos comicios e nas revoluções!

Era ali então a capital do mundo, como não o foi, nem será nenhuma outra, na successão das civilizações — a primeira, sem segunda! Por maior que fosse o seu orgulho — e era enorme — nenhum romano poudé jámais formar uma idéa exacta do seu poder! Estavam no centro do circulo, e não lhe abrangiam com os olhos a circumferencia; faltava-lhes o ponto perspectico superior, a distancia do tempo, d'onde contemplassem a sua historia, e, pela comparação, lhe medissem a colossal grandeza!

Ao entrar na cidade dos Papas o joven artista portuguez não era um erudito; ninguem o é aos dezoito annos: nem havia cá Winkelmans, com escola aberta de archeologia, que preparassem alumnos para exportação. Não os ha hoje ainda, apesar de termos caminhado muito. Latinistas serios, lidos e mestres nos prosadores e poetas, sempre os tivemos desde a Renascença, e ainda, neste seculo, contamos alguns, de merecida reputação, poetas e eruditos, — Castilho, Viale, o visconde de Seabra, e outros; mas a arte não gosou entre nós de igual fortuna — raros a estudaram, e rarissimos, os que d'ella escreveram. Em Italia, ao contrario, enxameavam: havia-os, e ha-os, de todas as especies — nos conventos, nas abbadias, nos palacios dos nobres, dos príncipes, e dos reis — nas grandes cidades e nas pequenas, que eram, e são, todas ellas grandes museus, compostos de outros pequenos — as

egrejas, as capellas e salas dos nobres, os edificios das grandes confrarias, e as praças publicas! E aos archeologos nacionaes juntaram-se os estrangeiros.

E que nessa terra abençoada vê-se, fala-se, respira-se arte em toda a parte — todos a apreciam e comprehendem. Um dia — foi em Florença — Bulhão Pato contemplava, numa praça, uma estatua — o *Perseu* de Benvenuto Cellini. Ao seu lado ouviu o nosso poeta dizer — *Bello!* A voz tinha a entoação vibrante, intima, da commoção da arte. O meu amigo voltou-se, a ver quem era.



O MAESTRO PUCCINI — Auctor da nova opera «A Tosca»

## A Guerra na Africa do Sul



GENERAL KRONJE

(Copia de uma photographia de Plumb)



TENENTE GENERAL FRENCH

(Copia de uma photographia de Knight)

O homem, que assim apreciava a belleza da obra do famoso florentino, era um operario!

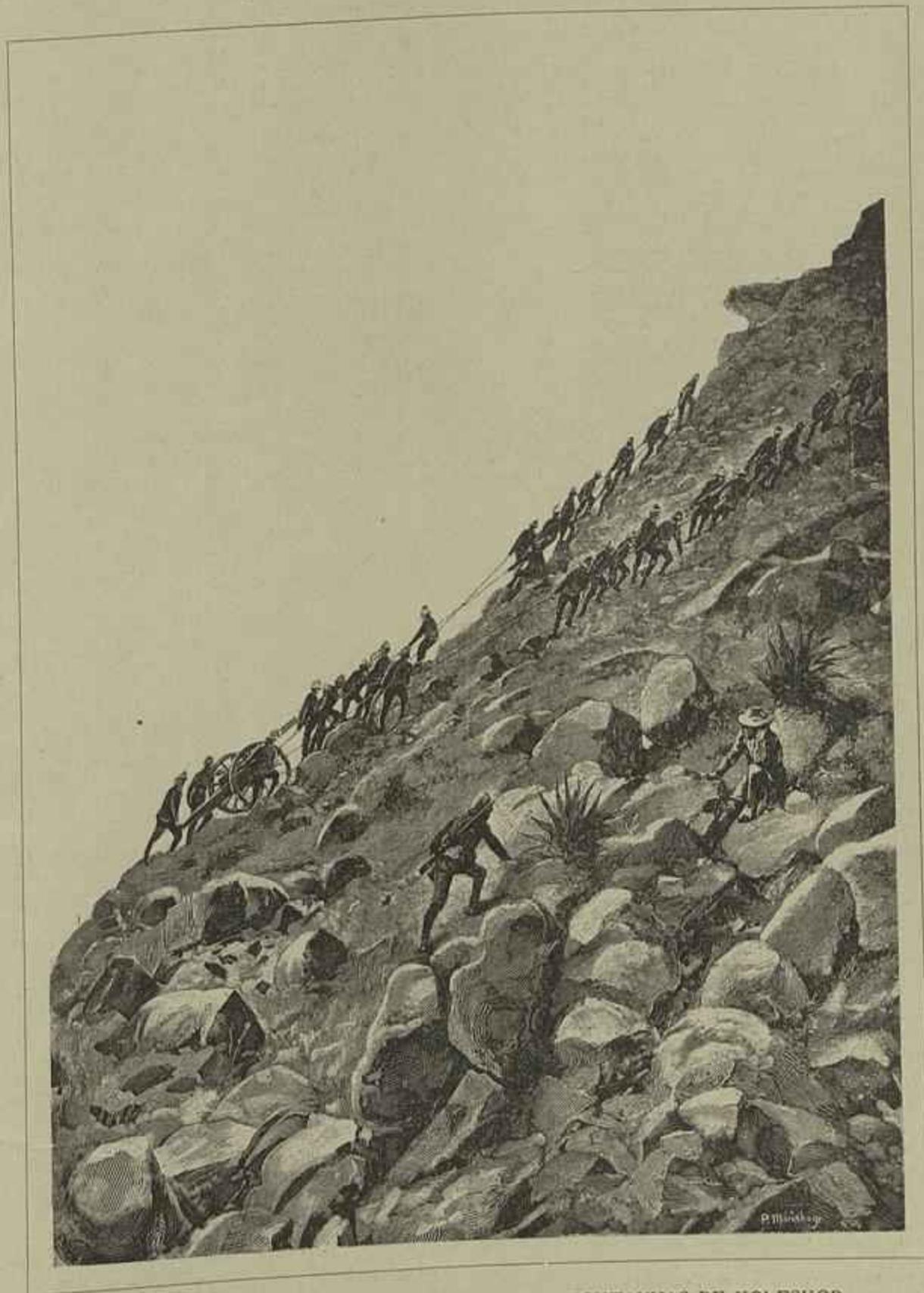
Uma das estatuas, que ornavam essa praça, é feitura de Miguel Angelo! Educa-se assim um povo. A decadencia das escolas nacionaes — e portanto da celebre Escola romana — não obstava à continua affluencia de artistas estrangeiros, de diversas procedencias, que ali attrahia a curiosida-

(1523) de Patinier (1524) e de Quintino Metsys (1530) ha uma especie de paragem, uma como hesitação, antes de abandonarem o antigo estylo, para se alistarem sob a bandeira da Renascença. Depois, subitamente, é uma emigração, em massa, para a Italia.»<sup>1</sup> João Gossaert, esse já tinha partido para lá em 1508.

Os ultimos gothicos—os grandes—haviam dito

era uma conquista e um triumpho. Jan Swart estabelece-se em Veneza, estuda as obras de Bellini e de Giorgione, e depois, de volta à patria, funda em Gouda uma escola, onde professa os novos principios da nova arte. Este, que principiou a revolução, não era um grande artista; mas o verdadeiro revolucionario foi Schoorl; este acabou de vez com a velha escola hollandeza.

## A Guerra na Africa do Sul



TRANSPORTE DE ARTILHERIA INGLEZA NAS MONTANHAS DE KOLESKOP

de, por tantos motivos excitada, o desejo de ver tão afamadas obras, e de as estudar e copiar.

A corrente era antiga — já para lá peregrinavam os flamengos, os hollandezes e os allemães de 1500. «Depois da morte de Van der Meyre (1512?) de Jeronymo Bosck<sup>1</sup> (1518) de Gerardo David

<sup>1</sup> Na exposição de arte suera, realizada no Museu das Bellas-Artes, vi um magnifico quadro d'este pintor. Pertence a S. M. El-Bel, como declara o interessantissimo Catalogo do sr. Ramalho Ortigão.

a sua ultima palavra. E com João Mostert, acabou a primeira e gloriosa época da pintura flamenga. O que se lhe seguiu foi a escola dos flamengos romanistas.

A influencia da arte italiana irradiava rapida por toda a Europa. Os pintores hollandezes tambem se sentiram attrahidos pelo novo astro que surgia: a Renascença caminhava, e cada passo

<sup>1</sup> La peinture flamande par A. J. Wauters, pag. 120.

Espirito aventureiro, Schoorl passa de Haarem para Utrecht, e d'ahi a Spiers, d'onde se vae a Nuremberg ter com Alberto Dürer. Logo parte para a Italia, visita Veneza, embarca de lá para a Terra Santa, volta por Malta, e dá finalmente entrada em Roma, onde o papa, seu compatriota, o honra, deixando-se por elle retratar! As obras da arte antiga seduzem-o, prendem-o, e apesar de estrangeiro e homem do norte, é nomeado conservador do museu do Belvedere! Mas a sua

missão no mundo da arte não estava ainda cumprida, e o irrequeto artista sae um dia de Roma, volta inopinadamente a Utrecht, e ahí abre um atelier! Affluem-lhe os discipulos, que elle converte e enthusiasma com a descripção das maravilhas, dos primores, que viu! Estava consummada a revolução classica na arte hollandeza.

Deu tambem, desde esse tempo, a Allemanha o seu contingente — o grande Alberto Dürer figura entre os mais illustres hospedes da cidade eterna, e Carlos V entre os grandes protectores da pintura italiana.

Em França a arte italiana entrou nos paços reaes, trazida pela mão dos reis: não podia mais desejar. Vieram de lá para Fontainebleau, o Rossio, o Primaticcio, e a genial e original figura do terrível Benvenuto. Nós tambem lá fomos então, e ahí está o nosso Francisco de Hollanda, a dizer-nos o que viu naquella famosa *Urbs*, antiga nas ruínas — e moderna capital do christianismo e da arte christã.

Lembra-nos este espectáculo, que daria um curioso e variado capitulo para a historia da arte moderna, o estudo das obras produzidas em Roma, sob a influencia da esculptura e da architectura grega e romana, e das escolas italianas, pelos artistas mais notaveis de todas essas colonias estrangeiras, que alli teem passado, uns, alguns annos, outros toda a sua vida — a comparação de obras feitas com os mesmos mestres e com os mesmos modelos, por individuos oriundos do norte e do sul, diferentes na raça, na religião, nas tradições — allemães, russos, hollandezes, flamengos, inglezes, francezes, belgas, hespanhoes e portuguezes.

A critica moderna, cujos horizontes são tão largos, e cujos recursos abrangem tanta sciencia, parece-nos que teria nisto um assumpto a explorar, e novos triumphos a colher; assim como tambem se nos affigura interessante estudar a acção reflexa, e ver qual foi a influencia d'estes artistas exóticos sobre a pintura romana.

(Continúa)

Zacharias d'Aça.

## A INDUSTRIA PORTUGUEZA

(SÉCULO XII A XIX)

(Continuado do numero antecedente)

É com o patriótico reinado do illustre rei D. Diniz, que os portuguezes começam a descansar das luctas constantes com os inimigos da fé. E com o estabelecimento da garantia da propriedade que a industria agraria se fortalece, porque sem ella o agricultor que semeava o campo não estava seguro de recolher o producto.

O seculo XIII, no seu final, conseguia estender os fecundantes raios do sol da paz pela patria portugueza. As pequenas dissensões intestinas, oppunha-se a sabia administração do rei lavrador.

Os pinhaes de Leiria e da Azambuja, mandados semear por elle, foram provido inicio de muitas industrias e especialmente dos transportes maritimos e fluviaes, fornecendo abundante madeira á navegação; auxiliou com ella o commercio, e a cidade do Porto concedeu a primeira Bolsa mercantil.

A industria mineira desenvolve-se um pouco, sendo lavradas por conta do Estado minas de enxofre, azeviche (linhite) prata, estanho, etc.

Concedeu-se a particulares varias minas de ferro e pedra hume, porém como eram muito pedrosos os tributos com que o monarcha sobrecregava a mineração, em breve o abandono das minas particulares foi geral, sendo depois exploradas pelo rei.

Na verdade, não se comprehende bem como sendo D. Diniz tão dedicado á agricultura, onde o emprego do ferro é tão util e grande, elle onerasse desmedidamente a sua exploração. Contudo, a serralheria estava muito desenvolvida no nosso paiz. Os ferreiros forjavam ferros de lanças e outros petrechos para a guerra com rara habilidade. Em Guimarães, a serralheria attingia tal perfeição que até o soberano a elogiava.

Mas as exigencias sobre o producto do trabalho eram geraes n'esta epoca. Num documento de Pendorada, citado no *Elucidario*, de 1290, mostra-se este facto, alliado á circumstancia do desenvolvimento da viticultura:

«E se vinhas fizerdes, darde-nos o quarto».

A par dos interesses materias apresentam-se outros de mais elevado alcance.

É ainda D. Diniz quem, em 1290, funda em Lisboa a universidade, com o titulo de *Escolas*

*Geraes*. Os sabios freires alcobacenses ajudam muitissimo o monarcha n'esse seu estabelecimento, doando livros, mestres e dinheiro.

Em 1308, é transferida a Universidade para Coimbra, e a grande instituição ainda hoje illustra a memoria do soberano e dos religiosos seus fundadores.

D. Affonso IV, quanto á administração do reino, embora não fosse um monarcha modelo, não merece as acres censuras que em geral os historiadores lhe fazem.

No seu reinado, continuam as concessões de minas a particulares, sendo exigido pela coroa um quinto do producto bruto da lavra. A industria pecuaria soffre tambem um certo impulso, pois que o rei institue premios para os melhores creadores de cavallos e concede terrenos aos que n'essa industria mais notaveis se tornam.

É bom notar que, embora fosse o espirito guerreiro que originasse taes providencias, ellas foram incitamento ao progresso d'esta e d'outras muitas industrias concernentes.

O reinado de D. Pedro I assignala-se por um acto deveras prejudicial á industria, a promulgação da primeira *pragmatica* para refrear o luxo, impondo pena de açoites pela primeira vez, e de morte na reincidência, a todo o vassallo que comprasse fazenda fiada.

Bem facil será comprehender como uma tal lei sumptuaria entravaria o progresso das poucas industrias de então.

As industrias da terra apparentam contudo um maior desenvolvimento.

A viticultura adquire certa importancia, merecendo das côrtes de Elvas, em 1361, o favor de não pagarem direitos os vinhos que se exportassem para França pela foz de Buarcos.

A industria da pesca tambem se desenvolve, deixando de ser, como a caça, um direito senhorial imposto sobre as grandes divisões da propriedade, e sahindo das aguas nacionaes. Em 1353 os pescadores de Lisboa e Porto fazem um tratado com Duarte III de Inglaterra para poderem pescar, no decurso de 50 annos, sobre as costas d'aquelle reino.

D. Fernando I promulga varias medidas uteis á industria e tambem uma *pragmatica* que, alem de ter sido mal acceita, não logrou execução rigorosa.

D. Fernando quiz restabelecer a agricultura por meio da sua lei agraria, vulgarmente conhecida pela lei das sémarias, que entre outras cousas determinava:

Que todos os que tivessem herdades proprias, ou emprazadas, ou por outro qualquer titulo, fossem obrigados a lavral-as; e que se fossem muitas, ou em desvairadas partes, lavrassem as que mais lhes aprouvesse e as outras fizessem lavar por outrem; de forma que todas as que eram para dar pão, todas fossem de trigo, cevada e milho.

Que do mesmo modo fossem constrangidos a ter tantos bois, quantos eram necessarios para as herdades que tinham, e se os não pudessem haver senão por grandes preços as justicias lhes fizessem dar por preços justos, segundo o estado da terra.

Que fosse assignado tempo conveniente aos que houvessem de lavar, para começarem a aproveitar as terras sob certa pena; e quando os donos das herdades não aproveitassem as terras, ou as dessem a aproveitar, as justicias as dessem por certa pensão, não para o dono, mas em proveito commum do lugar onde a herdade estivesse.

Que os que costumavam ser lavradores, e os filhos ou netos de lavradores, e quaesquer outros que se achassem uzando de officio, que não fosse tão util ao bem commum, como era a lavoura, fossem constrangidos a lavar, salvo se tivessem de seu o valor de quinhentas libras, que n'aquelle tempo era grande somma de dinheiro; e que se não tivessem herdades suas, lh'as dessem das outras, para as aproveitarem, ou viverem de soldadas.

Que nenhuma pessoa, que lavrador não fosse, ou seu mancebo, trouxesse gado seu nem alheio; e se outro o quizesse trazer se havia de obrigar a lavar certa terra, sob pena de perder o gado para o commum do lugar, onde fosse tomado, etc. etc.<sup>1</sup>

Com as primeiras noticias da exportação dos vinhos portuguezes, assignala-se o grande desenvolvimento da viticultura em Portugal. No reinado de D. Fernando, que abraça os annos de 1367 a 1383, já se conhece a importancia exacta da nossa exportação annual. Num só anno, chegou-se a carregar cerca de doze mil toneis.

D. Fernando tambem não descurou a industria coudelica. No seu tempo melhora-se a cavallaria do exercito, e consegue-se apresentar no campo de batalha seis mil cavallos, quasi todos de criação nacional.

A navegação e o commercio tambem mereceram ao ultimo monarcha da primeira dynastia o mais valioso auxilio, e é do seu reinado que datam os seguros maritimos. Em Miranda e Valença estabelece casas de bater moeda.

Somos, pois, chegados á segunda dynastia, aquella cujos primeiros varões por tantos titulos se tornaram illustres.

Com D. João I, e sob a direcção do seu inclito filho infante D. Henrique, as industrias portuguezas correm a par com as descobertas e conquistas; os officios adquirem a consideração que lhes valeu a outhorga da Casa dos 24.

A industria da pesca, que nos primeiros tempos da monarchia estava limitada ás aguas encravadas nas terras do condado, estende-se n'este reinado mais para o mar e augmenta de importancia.

A industria da pesca do bacalhau começa a atrahir muitos portuguezes ás costas da ilha da Terra Nova. A ella se ligam diversas noticias e tradições de varias navegações portuguezas, suppondo-se até que um dos Cortes Reaes descobrisse a America.

Os nomes de varias partes da ilha da Terra Nova attestam para todo o sempre a presença dos portuguezes n'aquelles mares.<sup>1</sup>

O infante D. Henrique, tão illustre pela sua iniciativa nos descobrimentos, não o é menos pelas suas emprezas industriaes. Como mestre e governador do mestrado de Christo, cabia-lhe a ilha da Madeira. Para alli mandou vir da Sicilia cannas sacharinas e mestres para temperar assucar.

Porém, já anteriormente se fizera a experiencia d'esta cultura no Algarve, pois que em 1404, D. João I coutou um terreno denominado *Terras da Quarteira* a um mercador genovez João de Palma, para elle plantar de cannas de assucar, parecendo que esse terreno já antes tivera igual destino, quando na posse de um tal mestre João.

A superioridade de situação e clima da ilha da Madeira, e, mais tarde, da de S. Thomé, fizeram perder ao Algarve este seu avanço industrial.

D. João I concedeu ao infante D. Henrique as saboarias do reino, o qual, em virtude de direito de descobrimento, possuia tambem as de sabão preto na ilha da Madeira.

A industria pecuaria recebe o seu maior impulso. Prohibe-se a exportação de eguas para Hespanha e decretam-se os cavallos livres do imposto da *jugada* (?). É permittida a livre criação do gado suino, etc. (?).

Ao Mestre de Aviz se deveram então grande numero de disposições tendentes ao melhoramento de tão importante industria. São muito notaveis a carta regia de 18 de agosto de 1413, e outra de 1409, em que se obrigam os lavradores e outros individuos a terem egua de criação, como anteriormente as *Ordenações Affonsinas* obrigavam os concelhos a ter dois ou mais cavallos reproductores.

Quanto á industria oleica, já em 1399 se exportava o azeite em larga escala, pois que n'esse anno permittiu a cidade de Coimbra aos moradores o venderem seus azeites a mercadores nacionaes ou estrangeiros e que estes os pudessem exportar livremente pelo Mondego.

O reinado de D. João I, tão notavel na politica como o primeiro da segunda dynastia, não está ainda estudado sufficientemente quanto á econo-

<sup>1</sup> Vide *Memoria sobre a pesca do bacalhau* por Jacob Frederico Pereira da Azambuja.

(?) A *jugada* é um dos mais antigos tributos que se impoz ao agricultor; era direito real que incidia sobre o numero de animais que o lavrador trazia ao trabalho. Este imposto já mesmo antes da monarchia se pagava como um direito de soberania as primeiras cabeças do estado romano. Mais tarde houve a *jugada inteira*, por cada dois animais, a meia *jugada* por cada cabeça, e a *jugada nova*.

(?) Em 1416 permittiu D. João I aos moradores do Porto o poderem criar porcos na cidade, mas D. Manuel, em 1513, annullou esse direito, impondo a multa de 600 reis por cabeça aos donos dos porcos encontrados na rua. (Pinho-Leal, artigo *Porco*).

Do Porto professional no seculo XV da-nos uma curiosa descripção um escriptor nosso contemporaneo:

«Por cima de Villa e Elras era a barra secas da cidade, o canal d'ingresso para os viveres e productos agricolas provenientes das terras do norte. A esta bocca succedia-se o ventre do Porto; feirava-se no largo da Sé, e pelas ruellas da villa episcopal, por entre a celeria da sé e os officios da almotaçaria, balneiros e portageiros, estandavam sobretudo nas Aldeas os açougueiros e enxarqueiros».

«As bandeiras dos officios desenvolviam-se arruadas. Surradores pelas vieillas dos Pellames molejavam sobre o rio da villa, aprestando principalmente as pelles *calceias*. Ferrutores e armeiros forjavam ferrameas e armaduras ao longo da Ferraria do baixo e da do cima, ao tempo simples continuação do Souto; e ao pé d'elles martellavam os caldeiros. Os Ourives estandavam ao seu dizez na extincta rua da Ouriveraria; e fabricantes de calçado manipulavam a sola na Capataria.» (Dr. Ricardo Jorge — *Anuario Municipal do Porto*, vol. I pag. 73).

<sup>1</sup> *Chronica de D. Fernando* por Duarte Nunes da Leão.



— Alguem que me queiram sub-arrendar, respondeu ainda Ordinov.

— N'aquelle pateo não ha, disse o dvornik apontando, com um olhar malicioso para um pateo ali perto.

— E n'este?

— E n'este tambem não.

E o dvornik continuou a trabalhar.

— Veja lá, talvez sempre haja, continuou Ordinov, mettendo-lhe na mão uma moeda de vinte kopecks.

O tartaro olhou para Ordinov, pegou no dinheiro, voltou ao trabalho e, depois d'um silencio, declarou.

— Pois não ha, não ha quarto nenhum.

Mas o rapaz é que já não queria escutal-o. Dirigia-se, caminhando sobre as pranchas que vergavam, meio podres, lançadas sobre os charcos d'agua, para a unica entrada que dava para esse pateo negro, nojento e cheio de lama. No rez do chão morava um desgraçado fabricante de caixões. Para além da officina d'esse «rapaz de espirito» Ordinov metteu-se por uma escada de caracol, escorregadia e a desabar e chegou ao andar de cima. A's apalpadellas, na sombra, deu com uma porta espessa de madeira tosca, coberta por uma esteira de vime em farrapos. Procurou o fecho e deu-lhe volta. Não se enganara: lá estava o velho em sua frente, olhando fito para elle, no cumulo do pasmo.

— Que queres? perguntou-lhe em voz rude e baixa.

— Ha algum quarto? murmurou Ordinov sem saber ao certo o que dizia: por detraz dos hombros do velho acabava de avistar a rapariga.

O velho, sem responder, poz-se a fechar a porta empurrando Ordinov para fóra. Mas de repente Ordinov ouviu a voz carinhosa da mulher murmurar:

— Ha um quarto.

— De pouco espaço preciso, disse Ordinov entrando de novo, apressado e dirigindo-se á formosa.

Mas parou, pasmado, olhando para seu futuro hospedeiro. A' sua vista representava-se ali um drama mudo. O velho enfiara mortalmente e estava prestes a cahir sem sentidos. Deixava pesar sobre a rapariga um olhar de chumbo immovel e penetrante. Ella tambem se fez pallida primeiramente, mas logo o sangue lhe subiu ao rosto e seus olhos brilharam com extranho brilho.

Encaminhou Ordinov para o quarto proximo.

Toda a habitação compunha-se d'um unico quarto muito vasto dividido em tres partes por dois tabiques. Do vestibulo passava-se para um quarto muito pequeno. Na frente, no tabique, abria-se uma porta, que evidentemente devia dar accesso ao quarto para alugar. Era estreito, com duas janellas baixas, muito proximas uma da outra. Tudo estava atulhado com os objectos miudos necessarios n'uma casa. Tudo era pobre, mesquinho, mas muito limpo. Uma mesa de madeira branca, duas cadeiras vulgares, dois bancos encostados á parede, eram toda a mobilia. Num canto tinham posto uma grande imagem devota, ornada com uma corôa doirada e sustida por uma taboa. De frente da imagem ardia uma lampada. O quarto para alugar partilhava com o outro ao lado um grande e incommodo fogão russo. Claro estava que tres pessoas nunca poderiam viver n'uma casa assim.

Discutiram as condições. Mas as vozes eram entrecortadas, mal se podiam comprehender. Ordinov, a dois passos d'ella, sentia bater o coração. Toda ella estremeceia e á sua commoção juntava-se como que um terror. Vieram porfim a accordo. O rapaz declarou que logo traria as suas coisas e veio ter com o velho. Estava ainda ao pé da porta, de pé e sempre muito pallido; mas um sorriso sosegado, um sorriso pensado, amanhecera em seus labios. Reavistando Ordinov, franziu de novo o sobrolho.

— Tens um passaporte? perguntou-lhe brusca-

mente, com voz alta e dura, abrindo-lhe a porta.

— Tenho, respondeu Ordinov algum tanto corrido.

— Quem és?

— Wassili Ordinov, nobre, sem emprego. Occupo-me de certos trabalhos, replicou Ordinov no mesmo tom do velho.

— E eu tambem; sou Iliá Mourine, mechtchamine (!). Está bem, vai-te.

Uma hora depois, Ordinov instalava-se com grande espanto seu e tambem do sr. Schpis que começava suspeitando, com a sua doce Titchen, que seu locatario havia troçado com elles. Ordinov mal percebia como tudo aquillo acontecera, mas pouco se lhe dava de não perceber.

(Continua).

## NECROLOGIA

### FURTADO COELHO

Depois de prolongada doença, finou-se em Pe-

## NECROLOGIA



O ACTOR FURTADO COELHO — FALLECIDO NO DIA 13 DO CORRENTE

droiços, na tarde de 13 d'este mez o actor Luiz Candido Furtado Coelho, que foi dos nossos mais illustres de Portugal na arte de representar.

Era de Vianna do Castello a familia do chorado artista que ali nasceu em 28 de dezembro de 1831.

Aos 24 annos partiu para o Brazil e foi lá que se estreou na carreira que lhe havia de ser gloriosa, apresentando-se pela primeira vez ao publico na cidade de Porto Alegre, da provincia do Rio Grande do Sul.

Muito intelligente, instruido, amando com extremos a sua arte e conhecendo-lhe os segredos, physicamente expeccionalmente dotado, distincto de maneiras e dizendo primorosamente, Furtado Coelho ponde com facilidade conquistar o logar distincto que honrosamente occupou até que a doença e precoce velhice o afastaram do palco.

Se não fóra a dedicação de amigos, collegas e admiradores, morrêra quasi na miseria.

Mais do Brazil do que nosso, muita vez, ainda

(!) Da pequena burguezia.

assim, o admirámos em Lisboa, onde o vimos representar o *Demi-monde*, *Sapatinho de setim*, *Lenço branco*, *Therêza Raquin*, etc.

Ao seu funeral foram representantes de todas as empresas theatraes. Em vida lhe acudiram, ao morto prestaram a devida homenagem.



Recebemos e agradecemos:

O Gigante Adamastor — Episodio dos Luziadas de Camões com a traducção em versos italianos de Prospero Peragallo e um prefacio de Xavier da Cunha — Lisboa, typographia Castro — 1898.

Repousa de ha muito sobre a nossa banca de trabalho esta magnifica especie bibliographica camoneana. Pertence á edição de 200 exemplares numerados, não postos á venda, que se fez por occasião do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India e do 318º anniversario do passamento de Camões; apresenta o n.º 137 e é impresso em magnifico papel de linho. Foi brinde, que muito e muito agradecemos, dos nossos illustres amigos rev. Prospero Peragallo e dr. Carvalho Monteiro.

Ambos estes nomes são bem conhecidos. O primeiro é «aquelle bom genovez que em Lisboa residiu parochiando a italiana Igreja do Loreto, e que, ha dois annos, quasi nos deixou por comprazer ás repetidas instancias de um lar muito amavel e muito extremecido, cujas saudades o reclamavam lá como indispensavel companheiro.» conforme escreve o sr. dr. Xavier da Cunha no seu elegante prefacio, em que se tributa a merecida homenagem áquelle nosso querido amigo e collaborador, poeta tão amante da lingua portugueza como da sua propria.

O segundo, o sr. dr. Carvalho Monteiro, é o fervoroso camonista de que a nossa Academia se orgulha. E ainda ao seu devotado affecto por tudo quanto repete o nome e a obra de Camões que se deve o presente livro. A tão illustrado cavalheiro e ao reverendo Peragallo os nossos emboras.

Folhinha — N.º 1 da Livraria Escolar de Leoncio J. de Medeiros & C.ª — 1.º anno — 1900. Maranhão Brazil.

Seguindo o exemplo de muitas outras livrarias dos estados do Brazil, o nosso estimado correspondente sr. Leoncio J. de Medeiros, dignissimo proprietario da Livraria Escolar, na rua Grande n.º 1, no Maranhão, publicou pela primeira vez este anno a sua *Folhinha*, assim modestamente intitulada, mas que encerra interessantes secções, sendo muito escolhida e variada a parte litteraria. É um livrinho de mais de 100 paginas e pode tambem consider-se como um pequeno annuario commercial e industrial d'aquelle importante estado do Brazil. Encontram-se n'elle dados muito curiosos sobre as diversas corporações de beneficencia, instrução, administração, impostos, consules, repartições publicas, jornaes, ministros, igrejas, etc. O que tudo é muito util tanto aos maranhenses e mais brasileiros como a nós portuguezes.

### Almanach Illustrado do «Occidente» Para 1900

19.º ANNO

Acha-se quasi exgotado este interessante annuario profusamente illustrado, e com uma primorosa capa a côres allusiva ao **Descobrimiento do Brazil**.

Preço, brochado 200 réis. Cartonado 300 réis. Pelo correio 220 e 320.

Pedidos á Empresa do Occidente, Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.